

O fim como um novo começo

Lançar um olhar atento e curioso sobre o mundo à sua volta e transitar pelo legado de formas, conceitos e temas da história da arte, recente ou remota, têm sido práticas utilizadas por muitos artistas contemporâneos. Revelador de uma trajetória e de uma sintaxe plástica singular e coerente, **Fernando Augusto** embora adote esse mesmo discernimento, recorre a uma praxe artística não meramente racional ou cerebral, mas que amalgama espontaneidade e meditação, razão e emoção. Investigador criterioso e detentor de uma percepção aguçada, nada passa despercebido ao seu olhar perspicaz e crítico, o que faz com que cada nova série de trabalhos produzida pelo artista seja sempre um evento surpreendente, tanto pela maneira como dialoga com o já feito, como pela forma peculiar como reprocessa, recodifica e (re)significa imagens e procedimentos artísticos. **Fernando Augusto** tanto dialoga com conceitos e instiga determinados problemas da arte, como revira as gavetas da própria memória de onde extrai guardados, lembranças, códigos e significados que transforma em discurso estético ou em linguagem poética. O pensamento em permanente ebulição ganha forma ou é metamorfoseado por uma mão ágil e perfeccionista, que não esconde a formação recebida na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, nem rejeita a herança da "Escola Mineira" de desenho. Tal herança é revelada tanto pela expressividade e fluência do traço gerador de formas sintéticas, de raiz figurativa ou figural, como na recorrência a uma gramática rigorosa e precisa, de naipe construtivo. Ao eleger o viés da figuratividade, o artista empreende uma espécie de análise das figuras ou das coisas, sem apelar para o excesso ou o descritivo. E ao estabelecer um diálogo com o formalismo construtivo, parece empreender uma busca obsessiva pela essência.

Entre os procedimentos comuns ao artista está a sobreposição de diferentes meios e recursos expressivos. Esse interesse evidencia-se também na narrativa da série mais recente de desenhos, pinturas e objetos denominada **Aparelhos**, na qual a volúpia do traço e das formas não se dobra nem é

enfraquecida pela mistura dos materiais utilizados (gordura, carvão, pastel e pigmento), nem pela reverberação plástica, sonora e literária de pequenos textos ou frases, que são inseridos pelo autor no contexto visual de alguns desses trabalhos. Ao primeiro olhar são os bosquejos de figuras humanas que se impõem como seres solitários, enigmáticos, agônicos, desolados, impelidos por um equilíbrio instável, e parecendo esvaziados de matéria e de exuberância física, fustigados por objetos torturantes, ou mesmo solapados de identidade e de consciência. Esses arcabouços humanos, de tons claros e translúcidos, ora se potencializam emergindo da profundidade das trevas, ao serem confrontados com planos de tons soturnos, ora parecem esvair-se, afogados ou inebriados pelo jorro do próprio sangue ou do próprio gozo, a contar pela fluidez dos intensos vermelhos e dos brancos que esguicham dos corpos. Assim, ao nos darmos conta de que os objetos singulares e banais, extraídos do mundo ordinário, se insinuam como formas viris ou fálicas, ao exibirem as configurações pontiagudas, que perfuram, martirizam, penetram e inflam esses corpos desnudos, silenciosos e vulneráveis, vários significados podem ser estabelecidos. Esses aparelhos expressam a dualidade prazer e desprazer, excitação e transformação, contaminação e assepsia, aprisionamento e libertação. E qualquer relação com a praxe duchampiana não parece mera coincidência, uma vez que alguns desses aparelhos remetem, de imediato, aos "funis", aos "moldes machos", ao "moedor de chocolate" ou mesmo a outros objetos inseridos por Duchamp na sua obra síntese: **A noiva despida por seus celibatários, mesmo**, também conhecida como o **Grande Vidro**. Mais do que se referir à solidão, à angústia, aos desejos, às mazelas do corpo ou à natureza efêmera da carne, **Fernando Augusto** quer instaurar, por meio do acasalamento objeto/figura humana, a metáfora da criação ou a relação conflituosa entre instinto e paixão, razão e emoção, realidade e fantasia, sedução e castração, amor e dor, entusiasmo e aniquilação, nascimento e morte, para traduzir a relação (ou a antinomia?) do criador com a sua própria criação. Através de **Aparelhos**, o autor não se propõe a alertar apenas para um mundo em que todas as relações são orientadas por geringonças mecânicas, mas engendra estímulos visuais que podem ser comparados a instrumentos de

análise, de medida, de depuração, de orientação da mão e da mente, de avigoramento do desejo e da vontade artística.

Ao propor a destruição pública dos desenhos da série **Aparelhos** durante a exposição na Galeria de Arte e Pesquisa da UFES, evidencia-se, ainda mais, essa relação paradoxal da experiência artística que envolve prazer, mas também desprazer, equilíbrio e instabilidade, sonho e vigília, paixão e ódio, o que explica o eterno processo de construção e destruição, fim e começo. Enquanto o **Grande Vidro** duchampiano remete à metáfora da purificação, os **Aparelhos** engendrados por **Fernando Augusto** insinuam-se, similarmente, como engrenagens de um alambique ou de uma destilaria, isto é, são objetos de assepsia ou de desinfecção. Ao destruir as obras da mostra o artista concebe, simbolicamente, um processo de purgação e de higidez, e ao opor a ductilidade da carne à resistência bruta e impiedosa dos objetos perfurantes, realiza uma intervenção cirúrgica ou um parto, por meio do qual retira do corpo-obra as impurezas que o enfraquecem e o dilaceram, ao mesmo tempo que vai insuflar-lhe a energia purificadora ou renovadora da criação, que originará uma nova vida. O atentado ou o ato predatório contra a própria obra, é, portanto, uma atitude metafórica que preconiza o fim de um processo e acende a chama da paixão para o início de uma nova experiência artística. A morte deliberada desse conjunto de desenhos enuncia o nascimento de uma nova ação e de outra formulação poética, mas anuncia também o vaticínio do eterno recomeçar.

Almerinda da Silva Lopes
Professora Doutora na Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, janeiro/2003